

REFLEXÕES SOBRE O(S) MÉTODO(S) DE ALFABETIZAÇÃO UTILIZADO(S) EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE CARACARAÍ – RR.

Diego Robert O. Marques¹; Joelma Fernandes de Oliveira²; Tamiris Machado Gonçalves³;
Alessandra Peternella⁴;

Universidade Estadual de Roraima

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados de um estudo sobre métodos de alfabetização utilizados pelos professores em turmas de 1º ano do ensino fundamental de Escolas Municipais de Caracarái – RR. O objetivo foi analisar o(s) método(s) de alfabetização utilizados no ensino da leitura e da escrita em turma de 1º ano do ensino fundamental. Para tanto, os dados foram coletados diretamente com os sujeitos da pesquisa por meio de entrevistas realizadas a fim de averiguar os métodos que orientam as práticas dos professores alfabetizadores, no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita. Assim, questionários foram aplicados a 4 professores de escolas da rede municipal de Caracarái. Foram estudados também os materiais utilizados pelos educadores para alfabetizar, a fim de se verificar quais os métodos propostos nesses livros didáticos, se eles estão em consonância com o que dizem fazer os profissionais observados. Por meio das fontes de dados, cruzaram-se as informações coletadas ao referencial base do trabalho para se pensar a alfabetização nos contextos investigados. Os resultados mostram que, apesar das várias tentativas históricas de se buscar superar os métodos tradicionais de alfabetização, seja pelo construtivismo, seja pelo letramento, ainda hoje, aproximadamente duzentos anos após a chegada ao Brasil dos métodos tradicionais de alfabetização, perpetua-se um ensino centrado no viés tradicional, mais especificamente, o método de marcha sintética. Nota-se, a partir das entrevistas com os professores, que não há um conceito claro do que seja alfabetizar, no sentido de que eles demonstrem ter uma teoria de base que os fundamente. Nesses termos, fazem o que conhecem e o que, para eles, apresenta resultados. Assim, em seu fazer docente, utilizam-se de atividades profissionais tradicionais, tais como as que norteiam um trabalho centrado em atividades fragmentadas, com foco na memorização e na decodificação. Sublinha-se que esta

¹ Graduado em Pedagogia, pela *Universidade Estadual de Roraima*. E-mail: dyegorobert@gmail.com

² Professora do Instituto Federal de Roraima- Campus Amajari E-mail: joelmaufr@hotmail.com

³ Doutoranda em Letras, pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS*. Bolsista CNPq. Bolsista Fundación Carolina – Espanha. E-mail: mtamiris@gmail.com

⁴ Professora Dra da Universidade Estadual de Roraima E-mail: alepeternella@hotmail.com

investigação não se trata de julgar o trabalho desses profissionais que, certamente, fazem o melhor que podem. O intuito é apresentar os resultados de modo a abrir um espaço de interlocução para pensar sobre métodos de alfabetização, ensino de leitura e escrita.

Palavras-chave: Métodos de Alfabetização; Ensino da leitura e da escrita; 1º ano do ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é a base da educação formal, a qual se centra no ensino da língua escrita e da leitura. No entanto, o Brasil é um dos países em que, principalmente, em relação ao público jovem e adulto, apresenta-se um alto índice de analfabetismo e, atrelado a isso, há as dificuldades enfrentadas no que se refere à participação dos sujeitos na vida em uma sociedade letrada.

Diante de tudo que vivenciamos no cotidiano da escola e, através de observações em sala de aula, deparamo-nos com a complexidade do processo de alfabetizar, dadas as situações enfrentadas pelos professores que acompanhamos. Esse fato levou-nos a entender que há a necessidade por parte do (a) professor (a) alfabetizador (a) de ter o domínio acerca de qual é o método empregado em suas estratégias de ensino, a fim de que ele possa mover-se em diferentes objetivos de ensino frente a diferentes métodos para alcançá-los.

O domínio dos conhecimentos teóricos sobre o ensino da língua escrita, em termos de uma instrumentalização tanto teórica quanto pedagógica, é importante para que sejam desenvolvidas atividades coerentes com essa visão de ensino. Uma concepção de língua norteia o fazer docente e direciona o estudante para a alfabetização para o mundo, edificada via leitura de textos, ou uma alfabetização mais silábica, focada na repetição estrutural, focada na decodificação e na memorização.

Essas questões motivam a feitura de trabalhos que coloquem em pauta a problemática da alfabetização e dos métodos de ensino da escrita e da leitura para que possamos pensar soluções para essa questão. Nesse sentido, edifica-se este trabalho, motivado pelo interesse de investigação sobre o tema.

Assim, o presente texto, olhando para o trabalho dos professores participantes de uma pesquisa realizada quando da conclusão de um trabalho de final de curso de graduação em pedagogia, analisa métodos de alfabetização utilizados pelos docentes em turmas de 1º ano do ensino fundamental de Escolas Municipais de Caracaraí – RR. O objetivo geral é entender

qual (is) o(s) método(s) de alfabetização utilizados no ensino da leitura e da escrita em turma de 1º ano do ensino fundamental.

Salientamos que não se trata de julgar o trabalho desses profissionais que, certamente, fazem o melhor que podem. O intuito é apresentar os resultados de modo a abrir um espaço de interlocução para pensar sobre métodos de alfabetização, ensino de leitura e escrita. Queremos identificar na prática metodológica dos professores o viés de trabalho, ou os métodos, ou a falta deles, a fim de colocar em pauta concepções de alfabetização, tanto para pensá-las historicamente quanto para entendê-las do ponto de vista de sua proposição enquanto norte orientador do fazer pedagógico do profissional.

Consideramos que o estudo realizado é relevante, pois poderá contribuir com a reflexão sobre as práticas metodológicas utilizadas por professores no processo de alfabetização. Essa tarefa pode fornecer subsídios teóricos referentes ao processo de alfabetização, bem como para pensar as práticas em si, oportunas para cada realidade de ensino e para os propósitos de cada matriz curricular, que move a escola ou o docente.

Pormenorizando, este trabalho abre espaço para pensar os métodos predominantes no ensino da alfabetização, da escrita e da leitura, como também aponta possibilidades para que o professor possa organizar o ensino para a apropriação dessas competências por parte de seus alunos, pensando especificamente em seu contexto de atuação, a fim de escolher, talvez, outra perspectiva que não aquela predominante no Brasil: a tradicional. Outra questão é trazer, a partir da discussão dos resultados, a pauta da difícil relação entre teoria e prática, presente não somente na vida dos professores em início de carreira, mas também daqueles que acumulam uma larga experiência.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é do tipo qualitativa, pois os dados foram coletados diretamente com os sujeitos da pesquisa. Também se dá sob esse viés porque os materiais por eles utilizados para alfabetizar foram analisados pelo pesquisador, no sentido de verificar a proposta dos livros didáticos e suas propostas de ensino. Além dessa etapa, foram aplicados questionários aos 4 professores de escolas da rede municipal de Caracaráí, participantes desta investigação. Foi realizado também o exame atento dos cadernos dos alunos para entender se

as atividades aplicadas, de fato, têm conexão com o discurso dos professores, alcançado pelas respostas dos questionários, por eles preenchidos.

De modo mais descritivo, inicialmente, realizou-se uma sondagem para descobrir quais as práticas metodológicas que as professoras utilizavam na sala de aula. Em seguida, aplicou-se o questionário às professoras, deixando-o com elas durante um período de 24 horas para que pudessem respondê-lo de modo mais cômodo, sem a interferência do pesquisador. Depois, fez-se uma observação nos materiais didáticos das professoras e nos cadernos dos alunos.

De modo geral, esta pesquisa também atendeu aos princípios de uma abordagem explicativa, pois seu objetivo foi realizar a análise de um objeto, correlacionando-o entre os conhecimento científico e prático observados na sala de aula. Além disso, há aspectos da pesquisa de campo, que, segundo Marconi e Lakatos (2003):

[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar [...].

Por fim, após as observações no material didático, a conversa com os professores, o questionário aplicado, foi realizada a análise de todos os dados em conjunto, com vistas a levar a cabo os objetivos do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que todas as vertentes de alfabetização existentes, em alguma medida, foram contribuintes para a transformação da alfabetização e da educação em si, como destaca Stemmer (2010):

A invenção da escrita foi um dos momentos mais importantes da história da humanidade, permitindo que pelos registros escritos o saber acumulado pudesse ser controlado pelos indivíduos. Da mesma forma, a alfabetização é um dos momentos mais importantes da formação escolar (STEMMER, 2010, p. 126).

Ocorre que algumas norteiam um trabalho centrado em atividades fragmentadas, com foco na memorização e na decodificação. Outras abordam textos para levar os alunos a entender a língua em uso, em diferentes práticas sociais, justamente abordadas em textos diversos.

Por mencionar uma perspectiva ampla, compreendemos que a língua escrita é uma representação de segunda ordem, não natural, isto é, algo que implica um saber instrucional para edificar-se. Esse papel de mostrar que a escrita é uma modalidade relacionada à fala, uma tentativa de representação por meio de símbolos escritos, cabe à escola – existem casos em que a família contribui para o aprendizado da escrita, mas no mais das vezes, é esse um dos trabalhos da instituição escolar.

Essa definição parece ser clara na concepção das professoras envolvidas na pesquisa, como podemos acompanhar na tabela que segue. Nela vemos as respostas apresentadas pelas professoras das Escolas Municipais referente à pergunta 5 do questionário – a saber: para você, o que é a língua escrita?

*A língua escrita é a **transcrição daquilo que falamos**. Professora 1.*

*São símbolos que usamos para **escrever a fala**. Professora 2.*

Em se tratando de língua escrita, pode-se dizer que a língua escrita é algo utilizado para “se expressar”, digamos, a escrita.

*É considerado mais ou menos a **representação da língua falada**, contudo possui aspecto mais organizado e rígido quanto a sua prática. Professora 3.*

*A língua escrita é **compreensão da língua falada**. Se a criança compreende o que lê, saberá o que escreve. Professora 4.*

Diante do exposto sobre a concepção de língua escrita por parte das professoras alfabetizadoras, vale ressaltar que, não sendo exatamente uma simples transcrição da fala, a língua escrita é uma representação, é uma modalidade à parte, é outra forma de expressão, é representação porque é significativa, isto é, cheia de significado. Para ratificar essa afirmação, utilizamos as contribuições de Stemmer (2010), a qual afirma que:

[...] se no princípio a escrita surgiu como o espelho da fala, pois no caso do sistema alfabético, por exemplo, o princípio básico que o rege é o de que diferenças gráficas representam diferenças sonoras, ela, historicamente passou a representar muito mais do que isso, passou a significar através dos signos a fala, o pensamento; passou a ser um sistema simbólico de representação da realidade que está muito além de uma simples transcrição do oral para o escrito ou da decodificação do escrito para o oral (STEMMER, 2010, p. 126).

No entanto, observamos que esse aspecto é desconhecido na concepção das professoras alfabetizadoras. Podemos demonstrar isso com as respostas dadas por elas, principalmente à questão 3 do questionário – a saber: o que você entende por alfabetização?

Alfabetizar é poder contribuir com a “margicidade” que a criança traz de casa, ou seja, é poder ir além dos conhecimentos prévios de cada criança. Professora 1.

*É um processo da leitura e escrita (aprendizagem), dos alunos. Professora 2.
Pode-se dizer que alfabetização é mais que mostrar as letras, as sílabas, enfim, ensinar a ler e escrever.*

É mediar a criança no processo de ensino aprendizagem para que ela possa relacionar o que está sendo ensinado com o seu cotidiano. Professora 3.

É um processo no qual a criança passa para poder ter noção de mundo, tendo a capacidade para ler e compreender a escrita. Professora 4.

A partir dos trechos, identificamos que há a tentativa de relacionar a aplicabilidade da apropriação da escrita a sua relação com o cotidiano, com a noção de mundo, mas, mesmo que façam esse destaque, observamos que a compreensão do que seja a alfabetização em si para as professoras está relacionado à aprendizagem dos signos: ou seja, a criança deve saber reconhecer as letras e realizar a leitura por meio da codificação. Assim, suas definições apontam para a ideia de que as práticas metodológicas utilizadas pelas professoras são subsidiadas pelo método tradicional de ensino.

Esse aspecto também fica explícito quando as professoras respondem à questão 9 do questionário – a saber: qual o método que você utiliza para alfabetizar?

O meu método de trabalho é o tradicional. Professora 1.

Todo professor utiliza um pouco de cada coisa, mas eu utilizo mais o tradicional. Professora 2.

É interessante dizer que o professor está na sala com seres pensantes, assim, ensinar a partir daquilo que a criança já traz da sua vivência, o ensino é com base para ela adquirir sua autonomia. Professora 3.

Utilizo um pouco de cada método, construtivistas, tradicional, etc. até porque cada criança tem seu modo de aprender. Professora 4.

No que diz respeito à resposta das professoras alfabetizadoras quanto à forma como elas alfabetizam, temos:

Fazendo com que as crianças conheçam as letras primeiramente e só depois a escrita, a formação de palavras e leitura. Professora 1.

De diversas formas: com leitura de sílabas, quebra cabeça, ditado de frases, entre outras. Professora 2.

É importante conhecer o nível em que a criança se encontra, em primeiro lugar, para assim iniciar a parte da alfabetização. Particularmente, eu procuro ensinar respeitando esse nível da criança, aproveito o que ela já sabe, conhece, para ajudá-la. Professora 3.

Pelas respostas, podemos observar que a escolha do método tradicional está em estreita relação com a visão de alfabetização adotada, usando a leitura de sílaba, atividades estruturais arbitrárias como é o caso do ditado, já que há apenas contexto frasal para o aluno depreender a escrita da palavra. Vemos assim uma ausência de exploração do alfabetizar via textos. Em toda caso, é importante salientar a generosa ação das profissionais de considerar o universo da criança no processo de alfabetizar, considerando seus saberes e respeitando seu nível de desenvolvimento pessoal e tempo de aprendizagem.

Ante a explanação feita, em que destacamos que o método tradicional privilegia a codificação dos signos, entendemos que o uso desse método acaba contribuindo para que a criança detenha ainda menos conhecimento a respeito do uso social da língua escrita, observada na forma de textos. Nesse sentido, Klein (1990) destaca que:

Os tradicionais exercícios de preparação para a leitura e a escrita, em que a criança faz exercícios de cobrir pontilhados e preencher folhas e folhas de exercícios mimeografados, sem nenhum significado concreto, deverão ser substituídos por atividades em que a criança vivencie a leitura e empreenda tentativas de uso da escrita, mesmo sem ainda ter se apropriado completamente dela (KLEIN, 1990, p. 40).

O método que ainda perpetua nessas escolas no processo de alfabetização é o tradicional. Vale ressaltar que esse método utilizado pelas professoras alfabetizadoras surte efeito, na medida em que este é único método ao qual elas detêm conhecimento.

Entretanto, destacamos que há na verdade uma mescla de métodos manejados pelas professoras em suas práticas de alfabetização. Essa mescla de utilização de mais de um

método é verificada nas atividades registradas nos cadernos das crianças e nos livros didáticos apresentados pelas professoras como instrumento de trabalho.

Assim sendo, o que de fato pode-se destacar como análise sobre as respostas apresentadas no questionário pelas professoras alfabetizadoras é que quase não há concepção de língua escrita que norteie o fazer docente de cada uma. O que há é uma noção pessoal do que seja alfabetizar e, talvez por isso, o processo de alfabetização esteja centrado em atividades tradicionais, que acabam por não promover o desenvolvimento das crianças com relação à concepção do uso social da língua escrita e da leitura.

Chegamos a essa conclusão devido a algumas falas destacadas, em negrito nas respostas das professoras, em que notamos haver uma discrepância entre o que elas descreveram em suas respostas aos questionários e o que está registrado nos cadernos dos alunos. Vimos, então, que a fala dos professores não condiz com os recursos, com as metodologias e com as suas concepções sobre o que é a língua escrita – dadas as respostas nos questionários, por exemplo. Isso pode implicar uma visão fragmentada de língua, porque o contato com o idioma não se dá via texto, uma vez que as metodologias não as fazem compreender o uso e a função social que a escrita possui.

Nesses termos, vê-se que há grande dificuldade de relacionar teoria e prática já que muitos dos documentos oficiais para o ensino de leitura e de escrita, preparados para os alfabetizadores, versam sobre a importância da língua em uso, vivenciada em textos. O fato é que por uma série de razões o professor pode sentir-se mais à vontade frente ao método tradicional porque esse foi, inclusive, vivenciado por ele enquanto aluno.

CONCLUSÕES

É sabido que o ato de “ensinar” é uma atividade muito complexa e difícil, principalmente nas séries iniciais, em que acontece o processo de alfabetização das crianças. Por isso, o professor alfabetizador deve relacionar teoria e prática para subsidiar suas metodologias enquanto alfabetizadoras, para assim, desfrutar de ótimos resultados com relação ao ensino da língua escrita e da leitura.

Ante o exposto, enfatizando os recursos utilizados nesta pesquisa para analisar a prática das professoras alfabetizadoras das escolas Municipais de Caracaráí, acreditamos que – por mais que tenham acontecido grandes movimentos na história da alfabetização no Brasil,

e com isso a tentativa de queda do método tradicional de alfabetização –, ainda hoje, perpetua-se nas escolas a utilização desse método: o tradicional.

Não se sabe ao certo qual ou quais são os fatores determinantes que levam os professores alfabetizadores ao uso exclusivo do método tradicional de ensino, pois se acredita que praticamente todos os professores que passam pelo processo de formação na academia, tenham apreendido conhecimentos teóricos, inclusive conhecimentos de mais de uma teoria, ou mais de um método de alfabetização.

Partindo do princípio de que um professor só ensina aquilo que sabe ou domina, podemos ressaltar que, no caso dessas professoras alfabetizadoras, elas utilizam o método sintético devido a esse ser o único dominado por elas. Cabe destacar que, mesmo utilizando apenas um método, grande parte dos alunos apresenta o desenvolvimento esperado com relação à escrita e à leitura. Ocorre que esse saber diz respeito ao traçado, mas não ao seu significado, então à leitura: é uma decodificação e não uma alfabetização plena nos termos hoje projetados.

Stemmer (2010, p. 129) destaca que, “[...] evidentemente, os fatores técnicos que facilitaram a difusão da leitura/escrita estão imbricados em fatores políticos, econômicos e sociais, e revelam uma associação dinâmica entre si.”, por este motivo é oportuno a partir de então uma resposta mais precisa, e específica para as problemáticas arroladas. Dessa forma, pretendemos continuar com a pesquisa para a busca de respostas a esse cenário.

Mais uma vez sublinhamos que nosso intuito não foi julgar o trabalho das profissionais que, voluntariamente, contribuíram para a coleta de dados. Apenas foi desejado um contexto de observação para pensar os processos de alfabetização na escola. Desde já fica registrado nosso imenso agradecimento às alfabetizadoras que contribuíram com a pesquisa, abrindo seus espaços de trabalho para que o estudo tivesse origem e lá se desenvolvesse. A nós cabe, mais do que nunca, frente ao exposto, continuar pensando em ampliar este estudo para promover a discussão – que é de todos.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STEMMER, Márcia Regina Goulart. **A Educação Infantil e a Alfabetização**. São Paulo: Editora Alínea, 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política educacional no Brasil: introdução histórica**. Brasília: Plano, 2003.